

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 377 | vol. 23 | 2025



Juventudes e experiências religiosas

Claudio de Oliveira Ribeiro

Rosemary Fernandes

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 377 | vol. 23 | 2025

**Juventudes e experiências
religiosas: análise de
aspectos da realidade de
jovens hoje no Brasil e as
possibilidades de diálogos
intergeracionais**

Claudio de Oliveira Ribeiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rosemary Fernandes

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professora de Cultura Religiosa nesta universidade e assessora do MEL - Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 377 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pxhere

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Juventudes e experiências religiosas: análise de aspectos da realidade de jovens hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais

Claudio de Oliveira Ribeiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rosemary Fernandes

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professora de Cultura Religiosa nesta universidade, assessora do MEL - Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras

Parte I

INTRODUÇÃO

As reflexões que ora fazemos foram extraídas de notas pessoais de dois seminários que organizamos sobre a realidade das juventudes no Brasil. O primeiro, realizado nas dependências do Instituto de Estudos de Religião (ISER), no Rio de Janeiro (RJ), no dia 12 de fevereiro de 2025, teve a participação da antropóloga Regina Novaes, que presidiu o Conselho Nacional de Juventudes e desenvolve pesquisas sobre

o tema; de Ivo Lesbaupin, do ISER-Assessoria, que relatou os resultados de um seminário que ocorreu no final de 2024 com o tema “Comunidades Eclesiais de Base, juventudes e diálogo intergeracional – relações de poder na sociedade e na Igreja”; de Darlan Oliveira, integrante do Movimento Juventudes e Espiritualidades Libertadoras (MEL); e de pessoas convidadas. O segundo, que aconteceu no Seminário da Floresta, em Juiz de Fora (MG), no dia 15 de março do mesmo ano, com o grupo Emaús, que reúne estudiosos e estudiosas da religião em torno de temas da pastoral popular católica e ecumênica.

O presente texto, de conhecimento dos dois grupos acima referidos, está construído a partir da edição de registros de algumas intervenções feitas por participantes, sem identificar com maior precisão a autoria das falas, somada a pesquisas anteriores que desenvolvemos. Optamos por uma redação livre, que leva em conta as apresentações feitas nos seminários, mas não sua ordem, e que se dedica a realçar os pontos principais do tema.

As análises a seguir são fruto de preocupações sobre as vivências das juventudes no Brasil dentro do contexto de pluralismo religioso. Procuramos observar aspectos fronteiriços que possibilitam identificar variados perfis para além das institucionalidades e das formalidades doutrinárias dos grupos.

Nossa compreensão é que o quadro da diversidade cultural brasileira, no qual as juventudes estão inseridas, precisa ser mais bem compreendido em suas nuances, fronteirizações e movimentos internos. No caso do campo religioso, tal diversificação se dá “verticalmente”, na medida em que se multiplicam novos

grupos, em geral dissidentes, que podem ser apresentados um ao lado do outro por tipologias específicas, e também “horizontalmente”, a partir de características que perpassam os grupos e instituições religiosas, pluralizando-os internamente. Entre os principais fatores dessa diversificação interna estão os esforços por justiça social e racial, relações justas de gênero, valorização da diversidade sexual e defesa da democracia, dos direitos humanos e dos direitos da terra. Esse duplo processo intensifica a diversificação do quadro religioso brasileiro, incide na realidade das juventudes e parece corresponder, por aceitação ou oposição desses aspectos, aos perfis que elas constroem e às práticas que desenvolvem.

As avaliações que temos procurado fazer sobre a situação das juventudes e o lugar e as possibilidades de diálogos e cooperações intergeracionais estão ambientadas nas análises de conjuntura, nacional e global, que acompanhamos em vários círculos. Ou seja, não se pode pensar acerca de juventudes sem considerar o contexto mais amplo do país e do mundo, sobretudo nos aspectos econômicos, políticos, socioculturais e religiosos. Nesse sentido, começamos este relato por uma palavra proferida no primeiro seminário, já citado, que ilustra muito bem o quadro que está desenhado nesta reflexão. É a de Luciana Petersen, jovem pastora e liderança do movimento Novas Narrativas Evangélicas.¹ Com muita expressividade, ela compartilhou a ideia, recorrente em seu grupo:

Justo na nossa vez de ser adulto o mundo está em colapso; agora que chegou o nosso momento, tudo está indo de mal a pior: crise climática, preços altos de moradia, não há

1 Sobre esse movimento, veja mais informações em: <https://novasnarrativasevangelicas.com/>.

previsão de aposentadoria; tudo muito complicado para quem não é herdeiro de nada. Pessoas que pensam que a vida vai ser curta. Não querem se casar. Não querem ter filhos... São medos reais à nossa volta (Petersen, 2025, p. 1).

Tais situações e outras que passamos a indicar compõem um quadro complexo da realidade global. As sínteses são difícilísimas, mas podemos lembrar alguns aspectos, quase todos interligados entre si²:

- as políticas econômicas neoliberais, que, associadas ao avanço das novas tecnologias, eliminam postos tradicionais de trabalho, atenuam ao máximo a garantia de direitos e seguridade social, aumentam a concentração de recursos nas mãos de pouquíssimos grupos, intensificam o crescimento dos bolsões de pobreza e geram instabilidade social para populações e famílias, especialmente nos setores mais vulneráveis das sociedades;

- a crise civilizatória, exemplificada no aumento dos conflitos bélicos, no exacerbamento das culturas de ódio, de diferentes fobias, de discriminação e eliminação de grupos, na elevação da violência em diferentes níveis, tanto nas relações internacionais quanto nas esferas do cotidiano;

- o esvaziamento da noção de Estado como promotor do bem-estar social, mediador de interesses sociais e assegurador da democracia, vivido em consonância com a intervenção, em maior ou menor grau, em dife-

2 Dentre várias análises de conjuntura apresentadas em diferentes encontros, seguimos as de Manfredo Araújo de Oliveira e Ivo Lesbaupin (2025).

rentes países, dos grandes grupos econômicos transnacionais que estabelecem relações íntimas com os governos a fim de eliminar ou diminuir o papel dos Estados;

- a crise ecológica e de sustentação da vida, que ameaça a existência humana e da terra, coloca em risco as novas gerações e produz efeitos maléficos sobre as populações, especialmente as mais empobrecidas;

- a nova cultura de informação forjada pela comunicação eletrônica e pelas *big techs*, que está articulada com os interesses de fortes grupos econômicos, políticas hegemônicas e que marca consideravelmente o cotidiano das populações. Ao mesmo tempo que representa amplas possibilidades de conexão e de acesso a informações, ela está associada a elementos ideológicos excludentes, práticas de extremismo, violência e ódio, *fake news* e interesses políticos escusos.

As juventudes vivem dentro desse quadro, com as peculiaridades de cada país ou região. Nesse sentido, Regina Novaes (2025), no mesmo seminário, nos chamou a atenção para duas “armadilhas” que se deve evitar quando o assunto é juventudes. A primeira é comparar gerações sem considerar os contextos de cada época. Por ser histórica, toda experiência geracional é inédita; portanto, a condição juvenil é marcada pela singularidade de quem vive o tempo presente. A segunda armadilha é generalizar a situação juvenil, sem levar em conta as diferenças na sociedade. Ou seja, além de falar em condição juvenil que aproxima a juventude de cada tempo histórico, é preciso considerar as situações desiguais vividas pelos jovens de uma mesma geração. Não se pode refletir sobre as

juventudes sem analisar contextos e sociedades e suas desigualdades em variados níveis. Daí, a importância do uso de “juventudes”, no plural.

Assim, para fugir das armadilhas, não se pode falar sobre uma geração juvenil sem avaliar as mudanças mais destacadas na sociedade que dizem respeito a toda a “juventude” (no singular, o que, no caso, nos remete à condição juvenil). Ao mesmo tempo, não se pode falar em juventude sem considerar as desigualdades sociais que, em variados níveis, atingem as diferentes “juventudes” (no plural, em função das situações de exclusão/inclusão vividas pelos jovens) (Novaes, 2025).

JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Regina Novaes, em sua exposição no primeiro seminário já referido, lembrou que a categoria “juventude” já nasceu transnacional, ligada ao processo de industrialização no Ocidente. Ela realçou que o historiador Eric Hobsbawn estudou essa perspectiva e identificou que tal noção surgiu no desenvolvimento mundial da era industrial. Esse período também foi marcado pela internacionalização de tendências culturais, como por exemplo o *jeans*, que, usado anteriormente apenas por operários ingleses, tornou-se uma das marcas do “ser jovem”. A disseminação e ascensão musical do *rock in roll* também demonstrou tal internacionalização. Movimentos de contestação cultural que marcaram os anos de 1960 também podem ser pensados nessa chave de leitura.

Um dado a mais a se lembrar é que a consciência de juventude que marcou as décadas de 1960 e 1970, mais precisamente para os grupos universitários e das classes médias e alta, esteve ligada à noção de revolução social e política, incluindo as lutas contra as ditaduras e a favor da justiça social, e, ao mesmo tempo à revolução sexual, de certa forma expressa no imaginário do movimento *hippie*. Para as mulheres jovens, por exemplo, esse movimento teve estreita ligação com a descoberta da pílula anticoncepcional, sem a qual a liberdade sexual ficava comprometida.

Foi, portanto, na concretude e na materialidade de um tempo histórico na sociedade ocidental, com todos os seus condicionamentos, que a categoria “juventude” deixou de ser apenas uma faixa etária e passou a ser pensada como uma fase da vida que, como tal, deve ser levada em conta para projetar o futuro da sociedade. Nesse sentido, é importante lembrar o surgimento da promessa de uma “moratória social”. Isso porque o processo de industrialização passa a exigir preparação de mão de obra adequada. Na promessa de moratória, “ser jovem” parece ser sinônimo de “ser estudante”. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, ao Estado caberia garantir a escola pública para oferecer esse tempo de suspensão, de preparação, para a vida produtiva (Novaes, 2025).

Nesse sentido, a primeira (e única) política pública para jovens passou a ser a da educação. Contudo, apenas uma parcela daquela geração juvenil vivenciou tal “moratória”. Para jovens das classes médias e alta que cursavam a universidade, a possibilidade de conseguir emprego era quase certa, já para os das classes populares tal perspectiva era muito mais difícil de se con-

cretizar. A grande maioria dos jovens brasileiros teve que encurtar a infância e antecipar a idade adulta entrando no mercado de trabalho de maneira precoce e, quase sempre, precária; estes, de maneira geral, sequer eram vistos como “jovens”. Não por acaso, tratar da participação da juventude até os anos de 1980 era falar quase que exclusivamente em movimento estudantil nos quais predominavam as pautas gerais do debate público (questões sociais e políticas em geral) e não se tematizavam especificamente demandas exclusivas da juventude.

As conhecidas crises sociopolíticas vividas nas duas últimas décadas do século 20 e no início do século 21 fizeram emergir a categoria “juventude” sob outro viés. Desde os anos de 1980 o capitalismo globalizado passou a exibir seus reais efeitos marcadamente excludentes. As promessas de desenvolvimento com bem-estar social não se cumprem. O avanço tecnológico produz grandes mudanças na geopolítica mundial e no mundo do trabalho que se torna cada vez mais restritivo e mutante. O desemprego e a violência atingem duramente as juventudes, em especial as das periferias. A garantia da formação secundária e universitária passa a ser questionada. Regina Novaes (2025) nos lembra, por exemplo, que Pierre Bourdieu escreveu sobre a “crise dos diplomas” na França, na qual conquistá-los não mais significava garantia de trabalho relacionado à formação obtida.

No Brasil, onde a “moratória social” foi vivenciada apenas por determinados setores das classes média e alta, o debate sobre o desemprego e a violência realçou a situação das juventudes das periferias urbanas sem formação escolar. Dentro desse contexto, emergiu

a expressão “jovens em situação de risco”. Tornou-se urgente a iniciativa de projetos sociais e programas governamentais que pudessem oferecer formação profissional, assim como projetos culturais para inserir produtivamente as juventudes, afastando-as da violência (dizia-se “os jovens são os que mais matam e os que mais morrem”). Nesse contexto, falar em juventude já não significava falar apenas em “ser estudante”. E, como resistência aos processos de exclusão, também muda a face dos jovens, que passam a trazer diferentes e específicas demandas para o espaço público.

Nesse cenário, grupos motivados por agregação religiosa, redes de jovens de favelas, movimentos com causas identitárias e, sobretudo, grupos culturais também se apropriam e politizam a categoria “juventude/s”, apresentando demandas específicas e questionando o modelo de desenvolvimento capitalista que os excluem. O movimento *hip hop*, por exemplo, teve e tem um papel muito importante na dinâmica de conectar situações locais com a ideia de “juventudes periféricas”, com destaque para jovens negros.

Hoje a ideia de “periferia” não se refere apenas ao território, ela engloba também sujeitos e visões de mundo. No passado, era só um substantivo, que poderia ser uma forma de reiterar um estigma. Hoje, como adjetivo, “periferia” funciona como uma senha que traz consigo a necessidade de renovar o debate sobre o que se fala quando o tema é juventudes. O periférico é espaço/referência de onde o jovem fala e se define.

As juventudes, então, podem ser compreendidas como um espelho retrovisor pelo qual podemos ver as desigualdades e contradições da sociedade. Ao mesmo tempo podem ser vistas como um espelho agigantador

pelo qual é possível perceber antecipadamente as tendências e os processos hegemônicos de mudança na sociedade. Um bom exemplo são as mudanças no mundo do trabalho: como já referido, fazer um curso em uma faculdade ou universidade não significa que, uma vez formado/a, se irá trabalhar na área cursada. Não há previsões, estabilidades ou possibilidades de coisas fixas. Somam-se a esse quadro os graus diferentes de vulnerabilidade, muitos deles agravados pelo contexto excludente da pandemia de Covid-19, o que reforça a noção de “juventudes” no plural (Novaes, 2025).

Dentro do quadro de diversidade das juventudes há um ponto bastante nítido, muito importante para as nossas análises. Estamos nos referindo às diferenças entre o que podemos chamar de “juventude engajada”, mesmo que em variadas frentes, não necessariamente as ações políticas tradicionais, e a “juventude dispersa”, seguramente a maioria, em geral sobrevivente, vivendo das demandas mais imediatas e quase sempre sem grandes esperanças ou perspectivas utópicas globais.

No contexto do ensino superior – que já é restrito, mas que outrora fora palco de mobilização política das juventudes –, os dados mostram que a maioria no Brasil estuda a partir da Educação a Distância (EAD). Isso significa que quase não há contato pessoal direto entre os jovens nesse campo, o que restringe qualquer mobilização e interação social ao espaço da Internet.

Outro aspecto é que estamos conscientes de que, em um campo tão variado como este que nos detemos a analisar, nada é completo. O retrato de juventudes que descrevemos é majoritariamente o dos contextos mais urbanos, incluindo os de periferias, e menos o das

juventudes do campo, das comunidades quilombolas, de jovens indígenas, do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST) e similares. No entanto, alguns perfis e características comuns se sobressaem (Barros, 2025).

OS MEDOS NO COTIDIANO DE JOVENS

As análises desenvolvidas por Regina Novaes (Oliveira; Corrêa; Novaes, 2021) identificaram três grandes medos presentes no cotidiano das juventudes. Eles nos ajudam a compreender a diversidade (o “s”) do contexto juvenil. O primeiro está ligado ao sentimento gerado pela lógica de descartabilidade e de imprevisibilidade no campo do trabalho. Esta ocorre devido às mudanças tecnológicas, à competitividade exacerbada reforçada pela cultura de sucesso a partir do cumprimento de metas, ao fim de antigas profissões e postos de trabalho, ao desemprego crescente, à “uberização” do trabalho, ao crescimento do setor de entregas de mercadorias e sua precariedade e ao retrocesso social com a retirada de direitos. O medo é de “sobrar” e também, como na linguagem popular, o “medo de pirar”, decorrente dos impactos desse quadro no âmbito da saúde mental e emocional de quem é jovem hoje.

O segundo medo é o de morrer de forma precoce e violenta. Essa angústia está ligada à estruturação da vida urbana, do crescimento da força do crime organizado e de milícias, da precariedade de vida nas periferias, incluindo aspectos de segurança pública, transporte e saúde. A experiência com a morte é algo muito próximo entre jovens pobres e negros. Esses dados têm implicações para as análises do quadro de diversidade da vida juvenil. No trânsito, jovens ricos morrem com

seus carrões, ao passo que um número muito maior de jovens pobres morre em motos e ônibus precários que circulam pelas cidades. As armas presentes no campo e nas cidades ceifam vidas jovens. As mortes de jovens negros por arma de fogo fazem parte, com certo relevo, das estatísticas oficiais. Ou seja, polícia, tráfico, milícias são personagens que habitam esse medo de morrer. Ao mesmo tempo, há pesquisas que mostram que, diferentemente dos negros, jovens brancos são majoritariamente pró-armas.

O terceiro medo é o de ser excluído/a ou se tornar desconectado/a num mundo tecnológico altamente conectado. Há o receio de ser invisibilizado/a na hipótese de não ter acesso à Internet. Esse medo de desconexão se agrava na medida em que os níveis de escolaridade e de renda e as possibilidades de uso de estrutura tecnológica, como a qualidade dos provedores e aparelhos, interferem na capacidade de conexão e na apropriação dos conteúdos que circulam nas redes. Sendo assim, a taxa média de conexão juvenil pode mascarar os níveis de acesso, pois não leva em conta as desigualdades socioeconômicas que existem entre as pessoas jovens.

Além disso, há uma “ditadura” cultural para o uso das redes digitais, pois as juventudes não conseguem se livrar delas. Somente discursos elitistas conseguem defender a ideia de ficar “fora das redes”, pois uma pergunta crucial é: qual parcela da juventude de hoje poderia se dar ao luxo de estar desconectada? Certamente, seria uma parcela ínfima que tem garantias econômicas e status social para prescindir das redes. A grande maioria das pessoas jovens de hoje precisa estar conectada para estudar, para trabalhar, para se

divertir. Até mesmo as crianças vivem hoje, precocemente, a alfabetização digital. O fato é que estar conectado é estar visível, e a visibilidade ligada às redes é uma experiência geracional. As pessoas adultas que foram socializadas em outros tempos têm, em boa parte das vezes, dificuldade de entender esse novo quadro e muitas vezes alimentam o sonho de ver uma juventude fora das redes.

SAÚDE FÍSICA E MENTAL: DESAFIO

Esse conjunto de experiências tem levado a níveis elevados de ansiedade e de fragilidade no campo da saúde. A comunicação eletrônica gera uma postura multifocal. Um fato agravante é que, na atualidade, uma das características de ser jovem é fazer muitas coisas ao mesmo tempo, pois existem novas formas de cognição. No entanto, o perfil multitarefas de jovens, associado ao consumo das redes, embora seja uma virtude, também apresenta dimensões nocivas. Uma delas é o aumento crescente de diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), síndrome que afeta a capacidade de concentração e pode, entre outros efeitos, causar impulsividade.

Outro exemplo é certa recusa das juventudes a assistirem a produções culturais mais densas, na TV ou em outros veículos. Tudo tem de ser curto, simplificado e com repetições. Mesmo plataformas como Netflix tem evitado roteiros complexos. Com a “ditadura” das redes, há danos cognitivos, com perda considerável da capacidade de interpretação e maior dificuldade no uso e na compreensão das metáforas e das ironias, elementos historicamente reflexivos e contraculturais. Acrescem-se a isso os apelos consumistas, fruto da

lógica capitalista, que aproveitam o perfil de pessoas ansiosas e estimulam novas compras (o interesse compulsivo por novos aparelhos celulares é um exemplo).

Tal quadro tem consagrado entre as juventudes as expressões (e posturas) dicotômicas *fear of missing out* (FOMU), ansiedade gerada pelo medo de estar por fora do assunto em voga no grupo, e *fear of missing in* (FOMI), postura de inércia representada na expressão “não quero estar por dentro de nada”, o que exemplifica certa tendência atual entre jovens de maior solidão. Tais experiências precisam ser mais bem investigadas (Petersen, 2025).

Outro aspecto é a ideia de se obter dinheiro com alguma facilidade a partir do empreendedorismo e da atuação como influenciadores digitais. Quando tais objetivos não se confirmam – e quase sempre isso ocorre –, há um impacto na saúde das juventudes, pois, além de evidenciar que os processos formativos estão em xeque, revela também a precariedade das possibilidades e dos sonhos, e as frustrações, vazios existenciais e os espaços de pseudotranscendência ganham níveis muito altos. Há um colapso do modelo de desenvolvimento, de desempenho e de sucesso.

Em relação a grupos militantes no espectro da esquerda, chama a atenção o fato de ter que se administrarem tantas “frentes” de vivência e certa competição entre grupos e correntes políticas, o que provoca desgastes pessoais e cansaço. Em vez de encontrarmos o “bem viver”, estamos diante do “sobreviver”, que nem sempre favorece o desejo de organização. Nas áreas favelizadas, por exemplo, é comum encontrar um maior número de jovens em formação superior, mas com certo esvaziamento do sentido político de suas ações,

inclusive sem uma participação mais efetiva e uma devida contribuição para o local de moradia e para a convivência comunitária. Daí a importância das análises da “sociedade do cansaço” de Byung-Chul Han (2019). Tudo gira hoje em torno da positividade, do “nós podemos”, e um olhar sobre o cotidiano revela que quase sempre não é assim. Há muita fragilidade, inquietação e desencanto com a vida. Há que se conferir o aumento alarmante do número de suicídios entre as juventudes no Brasil e no mundo, especialmente até os 26 anos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo; LESBAUPIN, Ivo. *Aspectos da conjuntura sociopolítica e econômica visando processos de formação*. Relatório interno. Juiz de Fora: [s.n.], 2025.

BARROS, Marcelo. [S.t.]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2019.

NOVAES, Regina Célia Reyes. [Exposição]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; CORRÊA, Mirian Pires; NOVAES, Regina Célia Reyes. *Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes*. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, n. 7, e71209, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/YDXnxFVQ4vDb5PHgDx7BDjL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2025.

PETERSEN, Luciana. [S.t.]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

Parte II

INTRODUÇÃO

Esta é a segunda parte das reflexões que fizemos e que foram extraídas de notas pessoais de dois seminários que organizamos sobre a realidade das juventudes no Brasil. O primeiro, realizado nas dependências do Instituto de Estudos de Religião (ISER), no Rio de Janeiro (RJ), no dia 12 de fevereiro de 2025, teve a participação da antropóloga Regina Novaes, que presidiu o Conselho Nacional de Juventudes e desenvolve pesquisas sobre o tema; de Ivo Lesbaupin, do ISER-Assessoria, que relatou os resultados de um seminário que ocorreu no final de 2024 com o tema “Comunidades Eclesiais de Base, juventudes e diálogo intergeracional – relações de poder na sociedade e na Igreja”; de Darlan Oliveira, integrante do Movimento Juventudes e Espiritualidades Libertadoras (MEL); e de pessoas convidadas. O segundo, que aconteceu no Seminário da Floresta, em Juiz de Fora (MG), no dia 15 de março do mesmo ano, com o grupo Emaús, que reúne estudiosos e estudiosas da religião em torno de temas da pastoral popular católica e ecumênica.

O presente texto, de conhecimento dos dois grupos acima referidos, está construído a partir da edição de registros de algumas intervenções feitas por participantes, sem identificar com maior precisão a autoria das falas, somada a pesquisas anteriores que desenvolvemos. Optamos por uma redação livre, que leva em conta as apresentações feitas nos seminários, mas não sua ordem, e que se dedica a realçar os pontos principais do tema.

JUVENTUDES, FÉ E CAMINHOS ESPIRITUAIS

No tocante às experiências religiosas das juventudes, é importante realçar que são novos os papéis das instituições e das autoridades religiosas, uma vez que as pessoas jovens recebem e reelaboram o mapa do mundo de formas diferentes e, em certo sentido, inéditas. É possível identificar, portanto, novas maneiras de ter fé. Na atualidade, por exemplo, os jovens no Brasil são menos católicos do que seus pais, existem mais jovens sem religião (o que não significa que não tenham fé) e há entre eles e elas maior vivência em comunidades plurirreligiosas, especialmente nas famílias. Observa-se um enorme índice de “desigrejamento” e de jovens “sem religião”, como constata os censos demográficos do IBGE. Se a realidade mudou no campo da política, da economia e da cultura, alterou também na forma de viver a fé.

Silvia Fernandes (2019) apresenta em seus estudos a temática da mobilidade religiosa, hoje tão marcante no cenário cultural do país, para, em seguida, articulá-la com a cosmovisão juvenil sobre o religioso instituído e os modos mais fluidos e transitórios de passar por ele ou situar-se nele. Há de se ressaltar que “o declínio relativo histórico do catolicismo tem na juventude o seu principal desafio. Pesquisas mostram que os jovens têm se mostrado mais refratários às propostas religiosas clássicas, aderindo a práticas espirituais alternativas ou engrossando as fileiras do sem religião” (Fernandes, 2019, p. 42). Embora o pluralismo e as múltiplas ofertas religiosas sejam fatores presentes no campo religioso desde a expansão dos pentecostais no país, ocorrida nas últimas décadas do século 20, o avanço das novas mídias e tecnologias que forjam a cultura

mediática possibilitou aos jovens, por meio desses canais, terem acesso a variadas oportunidades de experimentar ou rejeitar o universo religioso, seja em suas versões tradicionais, seja nas expressões adaptadas às novas culturas.

As reflexões propostas pela autora realçam o debate acerca da relação entre cultura midiática e juventude. A indicação é que há elementos comuns na natureza do campo religioso e do midiático, como a experiência, a instantaneidade e as trocas mútuas. Eles contribuem na formatação das novas sociabilidades e experiências dos jovens, incluindo as religiosas, que, em geral, se dão em “cliques e trânsitos”. Para ela,

a instantaneidade dos tempos atuais, capacitada pela cultura midiática, é perceptível também na cultura religiosa e ambas se desenvolvem na avidez por novas expressões, arranjos e possibilidades múltiplas de composição. Os jovens têm sido, de algum modo, afetados por essa instantaneidade seja para fazer escolhas religiosas que reforçam as tradições, seja para aderir a modos mais fluidos de cultivo de espiritualidades (Fernandes, 2019, p. 38).

Ao olhar mais detidamente a realidade católico-romana, surge a questão: quem são os jovens nos contextos eclesiais? Há um proposital apagamento das juventudes nos espaços da Igreja.³ Até então a expectativa

3 Embora nossa análise trate com maior atenção da relação entre juventudes e igrejas – portanto no campo cristão –, é importante exemplificar, com o universo não cristão, o recurso ao *princípio pluralista*. Com ele é possível, por exemplo, perceber a atuação bastante intensa de jovens em movimentos como “Judeus pela Democracia” e “Espíritas pelos Direitos Humanos”, em contraposição crítica ao crescente movimento de juventude judaica, em boa parte, com tom conservador e sionista, e de grupos e lideranças tradicionais do espiritismo brasileiro. Ou seja, é significativo perceber a diversidade desses grupos. Da mesma forma, a partir

dos mais velhos era ver as juventudes como pessoas tarefairas. Assim, elas não se sentem convidadas a ser parte do planejamento e das decisões. Como não há uma política de permanência, as juventudes descobriram que não precisam mais da igreja para viver.⁴ Preferem viver a “espiritualidade”, em espaços mais livres, à “religião”, em espaços eclesiais.⁵

do *princípio pluralista*, podemos visualizar mais nitidamente o movimento de jovens do Candomblé (em geral, invisibilizados na sociedade como um todo e nos setores acadêmicos em particular). A organização Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço, entre outras, desenvolve um valioso trabalho de cooperação nos esforços de articulação desses grupos.

4 Douglas Franco Bortone (2022) busca compreender o lugar da experiência religiosa diante do engajamento e da militância política, observando os registros das ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016 que tiveram certo destaque no país. A pesquisa mostra que o movimento de ocupação das escolas trouxe uma nova perspectiva ao engajamento político da juventude, como força expressiva para a transformação social, e que, unido às experiências inter-religiosas ali presentes, criou uma ponte para o fortalecimento da democracia, da laicidade e da liberdade de expressão de todas as crenças, reconfigurando, em alguma medida, as pertencas e visões religiosas dos e das participantes. Outras análises revelam que isso em geral se dá a partir do cultivo de uma vivência religiosa menos dogmática, mais plural e difusa, voltada aos direitos humanos, o que causa conflitos com as formas institucionalizadas de religião (Grosso; Bortone, 2022, p. 28-29).

5 Tais considerações confirmam outras pesquisas que examinam relações entre pertencimento religioso e atuações de jovens estudantes na ressignificação do espaço escolar. Uma delas mostra o “processo de compreensão da significação e ressignificação dos valores presentes em diferentes dimensões da vida – religião, educação escolar e política – mediadas pelos próprios jovens [secundaristas], que não são simplesmente guiados ou tutelados por instituições” (Bortone *et al.*, 2021, p. 81). Uma análise similar é “Percepções de jovens pentecostais sobre participação e mobilização política”, de Wania Amélia Belchior Mesquita, Leonardo Gonçalves de Alvarenga e Vanessa da Silva Palagar Ribeiro (2019). Ela é fruto de pesquisa cujo objetivo foi entender como e em que nível os jovens pentecostais da cidade de São João da Barra (norte do Estado do Rio de Janeiro) assumem sua participação cívica, bem como responder sobre a maneira pela qual estabelecem seus vínculos entre religião e política. Entre outros aspectos, as autoras e o autor concluem que a crença e a participação religiosa, assim como a cívica, são vistas pelos jovens como “assuntos particulares,

Assim, o número de jovens nos espaços eclesiais – e mesmo nos movimentos ecumênicos e fóruns similares – é ínfimo. Basta lembrar as repercussões do texto de Frei Betto sobre a prevalência dos “cabelos brancos” entre os participantes do Encontro Nacional do Movimento Fé e Política, realizado em Belo Horizonte em 2024!⁶ As juventudes perderam o ímpeto de estar nesses ambientes pela falta de espaço para elas mesmas. Nesse sentido, há em curso nessas instâncias, iniciativas relevantes, embora sem a pujança necessária, de “se reencantar a política”, algumas delas assumidas por setores eclesiásticos católicos como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Portanto, constata-se que a mesma Igreja que invisibiliza e discrimina as juventudes abre espaço de formação crítica para elas.

O seminário promovido pelo ISER-Assessoria, referido no início deste trabalho, organizou, por exemplo, as reflexões em torno dos seguintes eixos temáticos: (i) Juventudes e poder na sociedade em perspectiva intergeracional; (ii) Juventudes e poder na Igreja em perspectiva intergeracional; (iii) Protagonismo das juventudes nas estruturas sociais e eclesiais; e (iv) Perspectivas processuais do protagonismo das juventudes. As colocações mais ouvidas giraram em torno da re- que dependem de uma consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política deve impor a quem quer que seja” (Mesquita; Alvarenga; Ribeiro, 2019, p. 108). Embora situada em contexto específico, a reflexão contribui para se pensar o tema em termos mais globais.

6 Trata-se de uma sequência de textos publicados na Internet como reação ao de Frei Betto, intitulado “Cabelos brancos”. Para acesso aos referidos textos e uma visão de conjunto do debate, ver matéria produzida por Luís Henrique Vieira e publicada pelo Coletivo Memória & Utopia: “Memórias e lutas: Frei Betto e lideranças jovens discutem desafios do movimento social”, disponível em <https://memoriaeutopia.com.br/memorias-e-lutas-frei-betto-e-liderancas-jovens-discutem-desafios-do-movimento-social/>.

clamação “os jovens são barrados nas comunidades”, feita com sentimentos de dor e de tristeza. Os jovens, na Igreja, tiveram e ainda têm espaço, formação, acompanhamento, mas na sequência não podem ser protagonistas nos processos decisórios.

É uma situação que apresenta certa contradição, com pelo menos dois lados: é no mesmo espaço eclesial que se toma consciência dos processos de opressão e de discriminação e se sofrem também essas opressões e descartes. Pode-se dizer que há um “adultocentrismo” nas práticas eclesiais, os jovens são invisibilizados. No caso das igrejas, isso tem muito a ver com o clericalismo, que coloca o poder nas mãos dos donos do sagrado; os jovens são bem-vindos para ajudar, para cumprir tarefas, mas não para pensar e decidir juntos (Lesbaupin, 2025).

Ao mesmo tempo, muitas situações positivas têm ocorrido, em geral fora dos espaços eclesiásticos. Há setores das juventudes que se percebem como inter-sujeitos, participando de movimentos, que oportunizam outras subjetividades, embora também não existam políticas mais substanciais de formação ou de permanência dos grupos. Nesses processos se destacam: (i) uma dimensão forte da alteridade, que gera o acolhimento de diversidades e diferenças; (ii) uma articulação ética mais criativa entre a dimensão micro e a macro no tocante à integração de diferentes causas, como, por exemplo, os direitos da comunidade LGBTQIA+ e metas sociais oriundas da política partidária; (iii) formação de redes e execução de metodologias inovadoras e participativas que alertam contra autoritarismos e exclusivismos; (iv) um processo de revisão do que é política e como se faz política; e (v) espiritualidades e

novas formas de viver a fé que vão superando as fronteiras institucionais e realçam experiências práticas. Voltaremos a esses aspectos mais adiante.

Com um espectro bastante variado de perfis ideológicos e teológicos, observa-se a presença de novas comunidades de fé, tanto no campo evangélico quanto no católico. Algumas têm maior êxito no tocante à mobilização das juventudes, como as chamadas igrejas *cool*/descoladas, que mesclam a cultura das casas de show, com palco, plateia, praça de alimentação e lojas. Parte delas está associada a grupos políticos de direita, mas não necessariamente isso se dá ou é explicitado. Outras têm características de grupo minoritário, que atinge, entre outros perfis, pessoas “desigrejadas”, LGBTQIA+ e periféricos. Também há a vivência religiosa exclusivamente ou de forma complementar pela Internet.

O tema da juventude conservadora deve ser pauta de nossas preocupações e análises. Esse quadro historicamente sempre existiu, mas a maneira como tais grupos estão articulados na atualidade e a potência de ações nas plataformas digitais são algo inédito. Há a criação de inimigos imaginários que fortalece a luta nos espaços religiosos, na política e na sociedade como um todo. É necessário olhar para essa realidade e compreendê-la melhor. Ouvir mais esses grupos. Eles são formados por pessoas conscientes, cheias de informação, e não alienados, como muitos setores da esquerda consideram. Que mística é essa que mobiliza essas pessoas?

O MUNDO COMPLEXO DAS SUBJETIVIDADES E ALTERIDADES

Os tempos atuais possuem diferentes desafios e também muitas potências, e, no caso do contexto das juventudes, enfatizamos a dinâmica das subjetividades e das alteridades. Trata-se de campos fecundos de sabedorias que resgatam a complexidade das relações humanas e ambientais, como também o dinamismo das espiritualidades que transbordam por toda parte. Estamos levando em conta um recorte juvenil, atento e que vivencia esse dinamismo libertador, sobretudo as experiências do Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras (MEL), já referido, uma rede de articulação e formação de grupos de juventudes presentes em solo brasileiro que têm em comum a integração entre mística e militância. Outro recorte é o fato de estarmos indicando os aspectos que consideramos positivos e promissores dessas experiências, reconhecendo que o grupo vivencia as mesmas limitações e condicionamentos das juventudes em geral, que apresentamos até agora. Não se trata de idealismo, mas de indicação de caminhos.

O que temos observado e vivido a partir do acompanhamento de movimentos sociais juvenis como este e outros com objetivos similares e nas comunidades interseccionais relativas a eles são juventudes que acolhem o clamor da terra e dos povos, sentem o grito dos corpos e das vidas escravizadas, analisam e denunciam as dinâmicas que promovem desigualdades, injustiças e violências, e vão além, propondo estratégias políticas, sociais, culturais e religiosas em resposta aos desafios encontrados e vivenciados. Desde o início desse acompanhamento, mas também com a convivência

com setores universitários e com estudos e pesquisas relacionadas às juventudes, podemos perceber particularidades importantes para nossas reflexões, sobretudo quanto às possibilidades de diálogos e cooperações intergeracionais.

Os temas relativos ao campo das subjetividades e das alteridades realçam uma transição da subjetividade individual para a autocompreensão do dinamismo desta em diálogo incessante com as intersubjetividades que marca a vivência desses jovens. Eles e elas se percebem em movimento dialógico incessante, não apenas com as realidades presentes e todas as relações em sua complexidade, mas também com suas ancestralidades. São grupos de juventudes que se percebem e se compreendem sempre “em relação”, cuja identidade é dinâmica, intersubjetiva, acolhedora e interpelante. Essa interação não se reduz a trocas orais, mas ao compartilhamento de práticas, significados e sentidos, com vivências integradoras. A busca por conhecimento se conecta com a sabedoria dos povos da terra, indígenas, quilombolas, priorizando a circularidade e as confluências no sentido comunitário do existir. Essa dimensão está presente na visão de vários grupos⁷ que encontram seu fundamento e inspiração no bem viver.

Nesse princípio dinâmico, esses grupos se abrem para a amplitude com relação à Terra, ao Cosmos, à ancestralidade, ao futuro que é agora – ou seja, em re-

7 Além do MEL, citamos alguns movimentos, coletivos e organizações que encontram na proposta do bem viver sua inspiração e orientação para revisões de processos culturais, socioeconômicos, políticos, religiosos: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (CESEEP), Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude (CAJUEIRO), Movimento Nacional Fé e Política (MNFP), Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), Koinonia Presença Ecumênica e Serviço e Rede Caminho de Esperança.

lação com as vozes que ecoam do chão, dos corpos, das vidas, o que gera empatia e corresponsabilidade ética local e global, tendo em vista um *ethos* comum.

Associada a essa visão está a dimensão dialogal, que valoriza posturas de abertura e de proximidade, e não de isolamento. A intersecção é interpelativa, visando a realçar o que temos em comum, com um centramento na dinâmica amorosa e na dialogia, que não é mera estratégia, mas o princípio que movimenta as relações. Nesse sentido, dialogar é revisar crenças e proposições, escutar profundamente novos conteúdos presentes e subjacentes e atentar para práticas não democráticas, não participativas e monológicas. A estrutura dialógica supõe acolhimento das diferenças – ideias, credos, gêneros, posicionamentos filosóficos, econômicos, políticos, assim como novos mapas e novas narrativas e metodologias participativas. É um movimento que não busca convergência, mas vivências confluentes. Nesse dinamismo, é preciso que esteja presente o processo de escuta das sabedorias-fonte, ou seja, o diálogo intergeracional, que inclui as tradições, a memória, os conhecimentos e as experiências das gerações anteriores. Esse fator ainda requer muita elaboração e vivências para ambas as gerações.

Outro elemento fortemente presente nesses grupos de juventudes é a articulação ética entre os mínimos de justiça e os máximos de felicidade: uma perspectiva ética que articula os direitos humanos fundamentais, os direitos da terra e as dimensões de escolhas religiosas, estéticas, de lazer, de realização profissional. Em geral, tais jovens se colocam atentos às necessidades básicas e fundamentais para a dignidade da vida humana, mas também para as dimensões de expressão,

realização e busca de felicidade a partir das culturas, dos contextos, dos desejos e dos projetos pessoais e coletivos. Neste ponto há uma busca de articulação entre as dimensões micro e macro.

Um aspecto a se destacar é a ecumenicidade como vivência. As experiências ecumênicas brotam como semente no solo fecundo da mesma humanidade. A perspectiva ecumênica deixa de se situar no lugar do desejo e se torna a grande presença provocativa nos pequenos e grandes encontros dessas juventudes.

Para o MEL, todo esse processo está ligado ao cultivo de uma mística revolucionária, que vivencia as espiritualidades como encontro entre irmãos e irmãs e entre toda a Criação, unindo passado, presente e futuro, com o Divino, em seus múltiplos nomes, formas e tradições. No III Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras, realizado em Salvador, em 2024, a juventude ali presente assim se expressou:

Nessa ciranda bela e desafiadora, há muitos encantamentos, é uma das experiências mais profundas e que escapa às nossas pretensões de narrar, significar, interpretar. A mística é caminho de chegada e de partida, de recolhimento e de envio, portanto, é sonhar, fazer projetos, dar as mãos, integrando com práticas concretas de enraizamento dos sonhos, lugares de encontro com a ética, com a humanização, com a solidariedade, com a comunhão (MEL, 2024).

Todos esses aspectos geram um processo de revisão do que é política e como se faz política. Trata-se de outro tipo de análises de contexto e de construções de estratégias, que leva em conta as relações e formas de poder, mas também as visões de mundo e as imagens subjacentes às práticas e aos discursos. Com isso, os

grupos identificam forças e fragilidades presentes nos diferentes contextos e percebem como podem se apropriar das forças na direção de metas de solidariedade, de justiça e de amorosidade. Ao mesmo tempo, enunciam as possibilidades de ação que se apresentam nas frestas, nas brechas de cada contexto que nunca está tão hermético que não caiba a entrada de novas luzes e significados. Trata-se de uma sabedoria que passa pela integração entre visão de mundo, espiritualidade e política. Tal visão não se detém em diagnósticos pessimistas ou aparentemente determinados, o que possibilita a abertura de novas trincheiras e a eclosão de formas criativas e inusitadas, até mesmo com ferramentas que o contexto adverso também utiliza, como redes digitais, atos públicos e aspectos festivos das culturas locais, por exemplo.

PERSPECTIVAS

Em avaliações anteriores, já havíamos considerado que, pelo menos, alguns eixos promissores e urgentes de análise se evidenciam nesse quadro: (i) a situação de desigrejamento e “desreligiozação” das juventudes no país, que leva à percepção da necessidade de se catalogar as pesquisas já realizadas nesse campo e de se proporem outras que possam oferecer dados mais precisos desses fenômenos, assim como motivações e hipóteses plausíveis que cooperem para melhor compreensão do cenário; (ii) a articulação das juventudes pelas mídias sociais, tanto a dos grupos conservadores quanto a dos progressistas, e de que maneira os jovens da nova cultura midiática, incluindo a religiosa, experimentam alterações constantes nos modos como veem a si mesmos e aos outros e como escolhem no

cotidiano a linguagem, a imagem, os textos e os temas com os quais querem interagir e se apresentar; (iii) o campo das subjetividades, incluindo o mundo dos afetos, da sexualidade, das pertencas e da organização simbólica e emocional da vida, não desconectado das preocupações centrais da vida, como as perspectivas de trabalho, de educação e de enfrentamento das situações cotidianas de violência (Ribeiro; Petersen, 2025).

O quadro a considerar é o formado por diversos grupos que atuam em situações de fronteiras e de espaços interstícios da esfera da institucionalidade ou a partir de perspectivas e práticas demarcadas por vetores que geram invisibilização, dissidências e reconfiguração cultural e eclesial. Olhares mais atentos sobre eles nos indicam por exemplo que entre os desafios para se compreenderem mais adequadamente as diversas juventudes presentes nos diferentes contextos está o do aprofundamento das reflexões acerca das dimensões afetiva e sexual. Se a afetividade e a sensibilidade sensual e sexual são centrais para todos os seres humanos, cuja realidade é ao mesmo tempo instigada e reprimida pela sociedade atual, no caso das juventudes essa dicotomia é ainda mais séria e complexa. Nos meios eclesiais, por exemplo, mas não somente neles, as questões relativas à homoafetividade e à bissexualidade se tornaram importantes e intensamente presentes. Há que se perguntar também sobre a relação desse quadro com o trabalho realizado por diferentes grupos em torno das questões que interligam a fé e a política.

Do ponto de vista prático relativo aos diálogos intergeracionais, há diversas implicações. A juventude conservadora, por exemplo, está “colada” com os mais velhos. Jovens são vistos e valorizados como sucesso-

res deles e valorizam estes “inspiradores/mentores” – um exemplo disso é o deputado Nikolas Ferreira (PL/MG). No meio conservador há financiamentos e respaldo para jovens. Nos setores progressistas, ecumênicos e de esquerda, as juventudes parecem estar se organizando de forma isolada, sem diálogo com os mais velhos. No entanto, há sinais de que boa parte delas quer contato com os mais velhos para aprender.

Nossa compreensão é que os diálogos intergeracionais têm dois lados; são as escutas mútuas. As juventudes precisam puxar os fios da história para conhecer o legado/acúmulo possibilitado pelas gerações anteriores, e os mais velhos precisam se abrir para as experiências, desafios e potencialidades dos mais jovens.

Considerando-se os espaços eclesiais, é necessário, tanto para as pessoas mais velhas quanto para as mais novas, maior criatividade: não dar respostas velhas a problemas novos. É preciso que as juventudes aproveitem os espaços onde se sintam bem e possam avançar em suas proposições e ideias. Os convites para assessoria a atividades, eventos e projetos, por exemplo, não devem ser direcionados apenas a pessoas mais velhas, mas deve-se dar oportunidade às mais novas, mesmo que menos experientes, e visibilizar experiências, estudos, pesquisas, reflexões próprias das juventudes. Em todos os esforços, deve-se criar condições para que seja garantida a presença de jovens nos espaços de poder (coordenações, direções etc.) e que haja mecanismos de compartilhar decisões. Há de se construírem, juntos, os processos decisórios, observar as novas combinações, as correlações de forças, visando a ampliar o compromisso de abertura para o presente, uma vez as juventudes são “presente” e não meramente futuro.

Ainda nesses espaços, é fundamental atentarmos para metodologias participativas, definidas pelos mesmos eixos que inspiram e fundamentam as reuniões de juventudes, priorizadas nesta análise. Isso inclui: (i) garantir sempre a circularidade nos espaços, na partilha das metas e nas narrativas; (ii) cuidar para que as reflexões de assessores e assessoras ou a exposição de temáticas ganhem um tempo menor, usado para se garantirem a concentração, o foco temático e orientar rodas de conversa que devem retomar as reflexões e dialogar sobre questões e estratégias para cada contexto local; (iii) realçar a ecumenicidade como vivência, de forma que as espiritualidades sejam parte de todos os processos, e não momentos estanques; e (iv) elaborar documentos e posicionamentos, em linguagem adequada, que apontem as conclusões (mesmo que parciais e passíveis de revisão) que orientem o seguimento dos processos grupais em seus contextos.

Resguardando-se as diferenças estruturais e culturais, essa perspectiva pode ser indicada para os demais espaços, como as esferas da política partidária, das organizações ecumênicas e não governamentais e outros ambientes e instituições da sociedade. O Estatuto da Juventude, aprovado em 2013, por exemplo, deve ser conhecido, aplicado e amplamente divulgado. O poder e as possibilidades da arte precisam ser ressaltados, e os procedimentos formativos não devem ocorrer majoritariamente por palestras e mesas de debate.

É importante lembrar que esses processos fazem parte de uma contracorrente. À medida que os movimentos dessa natureza crescem e valorizam as diversidades, a reação surge, como os fundamentalismos, as propostas autoritárias e o consumo desenfreado.

Trata-se, como expressou Regina Novaes (2025), “de posturas de caráter mais profundo: é aposta e risco! É chegar pelas brechas, pois minorias movem o mundo”.

É importante também realçar, como nos lembrou Marcelo Barros (2025), que a aproximação e a cooperação intergeracionais são, sobretudo, experiências afetivas e que o diálogo é uma postura espiritual profunda e que expressa a ecumenicidade da vida. Daí a importância de se cultivar uma espiritualidade do diálogo em todas as suas expressões e dimensões.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. [S.t.]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

BORTONE, Douglas. *Religiosidades e movimento estudantil: relatos das ocupações secundaristas no Brasil em 2015-2016*. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2022. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2046>. Acesso em: 5 mar. 2025.

BORTONE, Douglas; GROppo, Luis Antônio; PORELLI, Ana Beatriz; ZAN, Dirce. Pertencimento religioso e atuações juvenis na escola de ensino médio. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; CASTILHO, Rosane (orgs.). *Juventudes brasileiras: questões contemporâneas*. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021, p. 63-86.

COSTA, Rosemary Fernandes. Juventudes e vivência ecumênica. In: *Cadernos de Teologia Pública*, n. 146, IHU, Porto Alegre: Unisinos, 2020. Disponível em <https://ihu.unisinos.br/imagens/stories/cadernos/teopublica/146cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FERNANDES, Sílvia. Entrechoques e múltiplas pertenças religiosas: aspectos das culturas religiosa e midiática entre jovens contemporâneos no Brasil. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; TOSTES, Angélica (orgs.). *Religião, diálogo e múltiplas pertenças*. São Paulo: Annablume, 2019, p. 35-57.

GROPPO, Luis Antônio; BORTONE, Douglas. Movimento estudantil e relações inter-religiosas. *Revista Indagações em Educação*, Alfenas, v. 2, n. 2, p. 18-32, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/indagacao-emeducao/article/view/1895/1463>. Acesso em: 26 set. 2024.

LESBAUPIN, Ivo. [Exposição]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

MOVIMENTO DE JUVENTUDES E ESPIRITUALIDADES LIBERTADORAS (MEL). *III Enjel*. Disponível em: https://www.instagram.com/meljuventudesrio/?locale=en_US%2Cen_US. Acesso em: 20 mar. 2025.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior; ALVARENGA, Leonardo Gonçalves; RIBEIRO, Vanessa da Silva Palagar. Percepções de jovens pentecostais sobre participação e mobilização política. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; LELLIS, Nelson (orgs.). *Religião & política à brasileira: faces evangélicas no cenário político*. São Paulo: Recriar, 2019, p. 83-110.

NOVAES, Regina Célia Reyes. [Exposição]. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (ed.). *Notas sobre a realidade das juventudes hoje no Brasil e as possibilidades de diálogos intergeracionais*. Relatório interno. Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; PETERSEN, Luciana. A relação entre juventudes e igrejas cristãs vista em sua diversidade a partir do *princípio pluralista*. In: CUNHA, Carlos; FURTADO, Maria Cristina; DENTZ JR., René (orgs.). *Teologia & Contemporaneidade – juventudes*. Cachoeirinha: Fi, 2005, p. 39-62.

VIEIRA, Luís Henrique. Memória e lutas: Frei Betto e lideranças jovens discutem desafios do movimento social. *Coletivo Memória & Utopia*, 2024. Disponível em: <https://memoriaeu>.



topia.com.br/memorias-e-lutas-frei-betto-e-liderancas-jovens-discutem-desafios-do-movimento-social/. Acesso em: 5 mar. 2025.

Autores do relatório



Claudio de Oliveira Ribeiro. Possui formação acadêmica, experiência docente e de pesquisa na área de Ciências da Religião e Teologia. O doutorado (2000) e o mestrado (1994) em Teologia foram feitos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a graduação (1985) no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho-RJ. Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (SMU) (Dallas-EUA) (2015), com o tema “Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos, e em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas-SP (2018), com o tema “Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil”. Tem experiência de pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: pluralismo religioso, teologia e cultura, antropologia teológica, ecumenismo, pastoral popular e direitos humanos. Atua na área de assessoria a comunidades eclesiais de base, organismos ecumênicos e movimentos inter-religiosos. Integrou os conselhos diretor e científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre) no período 2012-2017. Atuou no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo (2007-2017) e atualmente integra o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (sendo professor-visitante no período 2019-2021). Integrou a coordenação da Capes para Pós-Graduação Profissional área “Ciências da Religião e Teologia”, no período 2018-

2022. Atualmente integra o Grupo Inter-institucional de Pesquisa “Espiritualidades, pluralidades e diálogos”, da Anptecre/Soter, com base no grupo “Múltiplos”, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Autor de vários artigos científicos e livros, entre eles *O princípio pluralista* (São Paulo: Loyola, 2020).

ARTIGOS PUBLICADOS POR CLÁUDIO DE OLIVEIRA RIBEIRO NOS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben

N. 128 O Princípio Pluralista

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações

N. 178 Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano



Rosemary Fernandes da Costa. Doutora em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2008) e bacharel em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984). Atualmente é professora de Cultura Religiosa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Criou e coordenou o curso de Pedagogia da Fé, no Centro Loyola de Fé e Cultura e na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Assessorou da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) e da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), de agentes de pastoral e formadores na área de Iniciação Cristã, Catequese e Catecumenato. Participou do GT de Espiritualidades e Saúde da Abrasco. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Pedagogia da Fé, atuando principalmente nos seguintes temas: mistagogia, evangelização; atuação pastoral; teologia; catequese, pedagogia da fé, teologia fundamental e iniciação cristã, ética e direitos humanos, espiritualidades e saúde, juventudes e fenomenologia das religiões.

ARTIGO PUBLICADO POR ROSEMARY FERNANDES DA COSTA NOS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 54 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lüticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bôe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Inter-sistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olivia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi

 UNISINOS